

CONSTRUÇÃO DE UMA BAGAGEM SOCIOCULTURAL: NARRATIVA REFLEXIVA SOBRE O ENSINO DE TEATRO

Matheus Giannini Caldas Dantas

Graduado em Teatro (Licenciatura) pela UFRN. Professor de Artes na Rede Pública Estadual em Mossoró. Ator formado em El Timbal-Barcelona. Pos graduando em educação inclusiva- UFERSA. Atualmente participa como aluno especial do Mestrado em Educação-POSEDU/ UERN- matheusdaheja@hotmail.com.

RESUMO

O presente trabalho evidencia aspectos relevantes da construção de uma bagagem sociocultural através de narrativas reflexivas voltadas ao ensino de Teatro. Neste relato de experiência procurasse valorizar as relações socioculturais com o outro, ressaltando aspectos da produção coletiva associados ao teatro, destacando, também, o percurso escolar, artístico que contribuíram de forma significativa para ampliação de uma percepção sobre o ensino de teatro e seu processo criativo, enquanto elemento formador. Tomando como teóricos metodológicos: COELHO (2001) com suas propostas sobre as ações culturais no desenvolvimento de atividades socioculturais e educativas que ajudam na construção da identidade do sujeito; FREIRE (2015) que discute a educação ressaltando o poder que o aluno tem de ler o mundo e o poder de transforma-lo por meio da sua consciência de si, do outro e dos processos naturais e sociais; SHÖN (2001) com o ensino reflexivo que através das nossas experiências podemos ensinar e aprender transformando nossas vivências em conhecimentos. Nessa perspectiva, podemos entender que todo ser humano, a partir do momento que nasce já é inserido em uma sociedade, com parâmetros organizacionais para manter a convivência em harmonia, baseando-se em políticas, culturas, educações e conseqüentemente surge a possibilidade de (re)corrigir os erros dos nossos processos educacionais e identificar as aprendizagens culturais pertinentes a ponto de ser utilizado para ampliar conhecimentos na universidade. Contudo, acreditasse ser extremamente importante que os sujeitos reconheçam que a realidade é mutável, e, portanto, pode ser alterada por ele, a partir de suas vivências em contato com a sociedade e sua cultura.

Palavras Chaves: Ensino de Teatro; Bagagem Sociocultural; Ensino Reflexivo.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa discutir relatos de experiência sociocultural, assim com suas influências na formação sob a perspectiva de vivências que possibilitam ao indivíduo construir conhecimento através das suas narrativas reflexivas sobre o ensino de Teatro.

Neste relato procurasse valorizar as relações socioculturais com o outro, ressaltando aspectos da produção coletiva associados ao teatro, destacando, também, o percurso escolar, artístico que contribuíram de forma significativa para ampliação de uma percepção sobre o ensino de teatro e seu processo criativo, enquanto elemento formador. As motivações que conduziram a este trabalho derivam das seguintes indagações:

- Como aprender a refletir acerca de nossas experiências de vida e das práticas educativas que vivenciamos, de modo que estas possam ser organizadas na forma de novos conhecimentos, que nos levem a novas ações transformadoras de nossas práticas, desencadeando novas reflexões, particularmente nos aspectos formativos da docência, da prática artística?

Embora a vida seja um conjunto complexo de vários tipos de experiências, estas só se tornarão conhecimento a partir do momento que desenvolvemos a capacidade de refletir organizadamente sobre elas, tomando consciência e amadurecendo nossa percepção dos processos, de modo que estes aprendizados possam ser retomados, contextualizados e utilizados em novas experiências que possamos vivenciar.

Esses conhecimentos podem ser extraídos tanto nas experiências positivas, identificando os ganhos de aprendizado e os modos de prosseguir, criar e testar novos processos, enquanto que as experiências negativas, podem ser problematizadas e, também, servir de conhecimento. Porém, cabe tanto ao indivíduo, em seus processos subjetivos e objetivos de amadurecimento, quanto ao coletivo, por meio das trocas e da aprendizagem de construção coletiva conhecimento em grupo, trabalhar no sentido de potencializar as ações e transformá-las em experiências positivas, aprendendo com os erros.

Nessa perspectiva o objetivo geral é expor um relato de experiência de cunho reflexivo, sobre um processo de transformação através do contato com o outro e suas contribuições para formação sociocultural. Por meio dos objetivos específicos propõe-se: contextualizar as experiências pessoais tanto positivas, quanto negativas; analisar essas experiências absolvendo o

que for construtivo e estabelecendo possíveis soluções necessárias; utilizar essas vivências na bagagem sociocultural ao entrar no âmbito acadêmico.

Também destacasse a relevância deste trabalho no âmbito da Educação formal, na medida em que os relatos de experiências aqui apresentados possam servir com objeto de reflexão acerca dos problemas encontrados dentro das escolas, particularmente no âmbito da escola pública dos contextos aqui abordados. Sob esta mesma perspectiva buscase compreender os processos artísticos vivenciados, identificando os aspectos que possibilitam transformação, de maneira construtiva, abordagens metodológicas de ensino, as experiências de aprendizado e os processos de criação artística inerentes ao Ensino de Teatro.

Neste sentido, sempre acabam aparecendo às comparações inevitáveis entre os processos implementados pela educação formal, vivenciados pelo autor, quando aluno em contextos semelhantes aos aqui abordados, e as práticas contemporâneas da educação quando vividas pelo autor, agora na condição, não mais somente de aluno, mas, também, como docente.

A metodologia adotada foi um relato de experiência, sob a perspectiva de SHÖN (2001) do ensino reflexivo, onde através das nossas experiências podemos ensinar e aprender, seja ela uma experiência dentro ou fora da escola, mas que possibilite entre os envolvidos uma reflexão sobre as suas práticas. Filiamo-nos, também, às contribuições de FREIRE (2015) que discute sobre educação ressaltando o poder que o aluno tem de ler o mundo e o poder de transforma-lo por meio da sua consciência de si, do outro e dos processos naturais e sociais. Através das ações culturais COELHO (2001).

Então, convido o leitor deste trabalho a embarcar nesta trajetória, identificando os pontos relevantes para um percurso formativo em Teatro/Artes, bem como partilhar inquietações acerca da importância de desenvolver a construção da bagagem sociocultural montada no decorrer da vida e usada na universidade com objetivo de ampliar seus conhecimentos.

Aspectos culturais e familiares que me conduziram a este percurso.

Minha paixão pelas artes se iniciou desde minha infância, aos 7 anos de idade, quando me apresentava, na escola e na igreja católica, no Povoado Santo Antônio da Cobra, em Parelhas no Seridó Potiguar, porém era tudo intermediado pelos professores ou pela catequese. Onde os processos cênicos eram ditados por uma pessoa, geralmente um adulto, cuja fala de condução,

quase nunca levava em consideração a fala dos outros atores envolvidos naquele processo criativo. Era uma espécie de reprodução, onde os atores/aprendizes teriam apenas que reproduzir e não criar.

No âmbito de minha vida familiar, eu recorro, também, a realidade dentro da minha casa, pois meus pais sempre foram envolvidos na organização geral do carnaval do meu Povoado de Santo Antônio da Cobra, local onde fui criado, uma espécie de ação cultural no município de Parelhas/RN. Na ocasião, a comunidade desenvolvia uma construção coletiva entre vários os blocos de rua, porém cada Bloco de carnaval tinha sua especificidade, sendo necessário definir uma estética para confecção das camisas, que iriam identificar cada Bloco, bem como criar as músicas que seriam cantadas, no palco do evento, por cada Bloco, durante sua apresentação, além de outros elementos estéticos e artísticos que harmonizavam aquela produção cultural e caracterizavam as apresentações dos Blocos, durante os quatro dias de carnaval.

Nesse período, minha mãe também tinha um bloco e, para fazer os “abadás”, necessitava-se de patrocínio. Assim, todos os integrantes do bloco, organizavam um evento/show, com vários tipos de apresentações artísticas/ culturais (segundo ela, dublagem, dança, dramatização e músicas). De acordo com a capacidade e imaginação de cada um para desenvolver e apresentar suas habilidades artísticas. Alugava-se um caminhão e as apresentações circulavam entre os povoados circunvizinhos. Desse modo, associando essa experiência cultural com aspectos identificados por Coelho (2001) para a prática artístico-cultural, temos que:

A ação cultural tem sua fonte, seu campo e seus instrumentos na produção simbólica de um grupo. E entre as formas do imaginário que a constituem, as da arte - ao lado de práticas culturais leigas, mítico-religiosas, etc., são privilegiadas, por mais que se diga o contrário. O trabalho com uma modalidade artística em particular pode até não ser do interesse de uma ação cultural específica. Mas, o que é vital à ação cultural é a operação com os princípios da prática em arte. (COELHO, 2001, p.33)

Presenciando todo esse processo com elementos da prática artística dentro de minha própria casa, eu tinha ideias, e junto aos meus amigos, escolhíamos as músicas e fazíamos as coreografias, dublagens e encenações. Pegávamos um texto e produzíamos “teatro” e, aos poucos, íamos ensinando um para o outro “como fazer” e, quando percebíamos, já estávamos com algo pronto para apresentar. Ou, outras vezes, montávamos um circo no quintal de casa e cobrávamos entrada para quem quisesse assistir e, lembro, nunca faltava público, para ver aquelas apresentações artísticas que, se por um lado eram precárias, por outro lado, guardavam um grande valor para nossos aprendizados artísticos de então e nossos desejos de expressão.

Faz-se, portanto, necessário na ação do educador de Arte, problematizar as visões preconcebidas que alimentam o senso comum acerca do trabalho artístico e promover ações que eduquem os sujeitos em sociedade a compreender o papel das artes, no âmbito das subjetividades dos sujeitos, mas também em seus aspectos epistemológicos e econômicos, assim como ocorre nas demais áreas de atuação que gozam de maior aceitação enquanto campo de atuação profissional no seio de nossa sociedade.

Não demorou muito tempo, percebi que carregava comigo os mesmos preconceitos que interditavam minha inclinação para o exercício profissional da Arte, como que aceitando a opressão daquela interdição de minhas escolhas, ao identificar em mim a mesma fala que me oprimia. No âmbito de um trabalho acadêmico que se propõe, também, a refletir a partir da própria experiência, é sempre libertador quando tomamos consciência de como estes processos de interdição e superação se dão em nossas vivências.

Refletindo sobre minha formação artística no âmbito da educação Básica e o Ensino das Artes

As atividades de artes em geral, partiam de desenhos já elaborados pela professora pedagoga, de modo que nos cabia apenas à tarefa de colorir aqueles desenhos. Sempre era algo que ela já nos dava pronto, voltado para algumas datas comemorativas. E nunca vinha algo que os alunos pudessem desenvolver partindo de sua própria criatividade produtiva. O Ensino de Artes era voltado apenas para datas comemorativas, onde em todos os anos acontecia a mesma programação: Páscoa, Dias das mães, São João, Dia dos Pais, “7 de setembro” e Natal. A Páscoa era voltada para encenar a “Paixão de Cristo”. Nestas encenações nossa tarefa era dublar a gravação de um áudio previamente definido e seguir à risca as marcações estabelecidas pelos diretores, que, em geral, repetiam literalmente a mesma encenação, ano após, repetindo aquele formato como havia sido criado desde a primeira vez. Uma realidade que muitos grupos e artistas passam, nas diversas comunidades de nosso Estado, seja por falta de recursos de produção, seja por falta de acesso à informação e formação, que os qualifiquem melhor para estas práticas, seja pela inércia dos processos culturais que se instalam no seio das comunidades sem que sejam problematizados e impulsados a dar saltos de ruptura e ampliação de seu alcance.

Aquelas encenações apresentavam uma estrutura completa em termos do que deveria se esperar de uma criação teatral, haviam figurinos, haviam cenários, haviam pessoas tentando ser

atores, havia música, etc., porém, o que não havia era o domínio da linguagem, de modo que os elementos ali reunidos pudessem significar e potencializar as intenções que estavam latentes no esforço de compor aqueles espetáculos.

Na perspectiva de uma prática educativa inserida na esfera do Ensino de Artes na Escola e que, portanto, deveria ser contextualizada, apreciada e devidamente explicada, aquela experiência era conduzida a partir de critérios e parâmetros absolutamente alheios à nossa compreensão. Nada nos era explicado sobre o que estava acontecendo. Por exemplo, nos apresentavam “o homem que solta o som”, e não à sonoplastia. As “ordens” da professora, que tínhamos que seguir, eram advindas de uma autoridade inquestionável e não da compreensão do papel de uma Direção Teatral em um processo de Encenação. Por sua vez, nosso papel de atores era chamado de “fazer drama” e não de “Atuação”, ou “Interpretação”. Ainda assim, empiricamente, tentávamos estabelecer alguma relação entre a noção de atuação que víamos por meio dos atores na televisão e a nossa função naquela situação.

Meu questionamento diante dessa primeira experiência com a educação em Artes é com relação à ausência de:

- **Liberdade artística**, enquanto qualidade que deveria estimular a fala do aluno e provoca-lo à experimentação.

- **Autonomia**, onde os alunos são corresponsáveis pelo o desenvolvimento do processo, implicando-se ao lado dos educadores na obtenção dos resultados pretendidos;

- **Criticidade**, enquanto uma atitude que possibilite a produção de falas acerca do que está sendo produzido, tendo como referência conteúdos e produtos trazidos pelo professor de Teatro para a sala de aula com vistas a subsidiar a formação estética dos educandos em um processo de ensino daquela Linguagem Artística;

- **Trabalho Colaborativo**, uma forma de organização do trabalho coletivo pautada no desenvolvimento do grupo, onde diferentes aspectos do processo de criação do espetáculo podem ser discutidos e cada um contribui com suas habilidades e saberes, por meio do diálogo organizado, valorizando espírito coletivo da prática teatral.

Acredito que o fazer artístico deva partir do dialogo entre educandos e educadores, em oposição ao pensamento autocrático sobre o fazer artístico que, na experiência que relatei, era imposto pela direção, coordenação ou pelo docente, sem que fosse dada ao aluno a oportunidade de

(83) 3322.3222

contato@conidis.com.br

www.conidis.com.br

manifestar seu posicionamento. Neste sentido, convém lembrar o que diz FREIRE (2015) em relação à educação bancária:

O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, e não “bancária”, é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeito do seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas dos seus companheiros (FREIRE, 2015, p.166)

Paulo Freire ressalta, ainda, o papel da educação em elevar o nível de consciência dos educandos a respeito de suas condições de vida. Além de que a educação deve ter como meta instrumentalizar esses alunos a fim de que tenham condições de atuar numa perspectiva de transformação dessa realidade. Cabe, portanto, à escola proporcionar ao educando o desenvolvimento da sua autonomia, liberdade criativa, criticidade e seu trabalho criativo através do “acesso ao conhecimento que permita agir sobre o mundo em que vive: uma inserção local em uma sociedade complexa em constante mutação” (PERNAMBUCO, 2013, p.58).

Nessa perspectiva, todo ser humano, a partir do momento que nasce já é inserido em uma sociedade, com parâmetros organizacionais para manter a convivência em harmonia, baseando-se em políticas, culturas e educação. Contudo, acreditasse ser extremamente importante que os sujeitos reconheçam que a realidade é mutável, e, portanto, pode e deve ser alterada por ele, a partir de suas vivências, crenças, etc.

Nessa direção, Silva (2015) nos apresenta que Berger e Luckmann (2006) entendem que “a realidade da vida cotidiana é compartilhada com outros por meio das interações sociais” (BERGER, LUCKMANN, 2006, p. 46), sendo estas interações flexíveis, por meio das quais as atitudes entre os envolvidos se modificam no decorrer do processo relacional, e estas também permitem que um sujeito identifique o outro socialmente no mundo comum em que vivem, onde é preciso perceber que o outro possui uma perspectiva diferente desde mundo comum que não é idêntica à minha. Ou seja, “meu “aqui” é o “lá” deles” (BERGER, LUCKMANN, 2006, p. 41).

Em suma, seguindo este raciocínio e os relatos feitos anteriormente, me questiono sobre a necessidade de um professor com formação adequada para assumir as aulas de Teatro, podendo proporcionar aos alunos tanto um melhor conhecimento acerca das especificidades desta linguagem artística, como, também, potencializar as experiências educativas em sua dimensão transformadora.

Hoje, como licenciado em Teatro, reconheço que muitas das falhas nesse processo, ocorriam por uma deficiência na formação da professora, que não tinha formação na linguagem

artística específica, exercendo o Ensino de Arte de modo polivalente e sem os conhecimentos específicos necessários acerca da linguagem artística abordada naquelas aulas, no caso, o Teatro.

Um professor com qualificação específica e formação adequada em Teatro poderia ter contribuído para melhoria de compreensão acerca daquelas encenações e, conseqüentemente, da importância daquela experiência para o nosso processo de formação.

Em vez disso, a disciplina “Artes” acabava ficando à disposição dos professores que tivessem disponibilidade para preencher sua carga horária com aquelas atividades que, em geral, era “ocupada” por professores de Geografia, História, e até mesmo de Matemática, que assumiam a disciplina, e muitas vezes utilizavam o horário da aula de “Artes” para concluir alguma atividade, de outra disciplina que lecionava e não havia dado tempo ser concluída.

Era um processo educacional relegado ao sabor das contingências e cujo perfil pedagógico poderia ser classificado, dadas às devidas proporções e reconhecidas as devidas diferenças, de acordo com que FREIRE (2015) aponta como “educação bancária”, voltada basicamente para depositar conhecimentos nos alunos e cuja fala está centrada apenas no professor, esquecendo o diálogo entre os envolvidos.

A partir do momento em que o aluno entra no ensino fundamental I e até o ensino médio, é importante que tenha acesso às linguagens artísticas considerando-se suas especificidades. Artes Visuais, Dança, Música e Teatro são linguagens humanas desenvolvidas por meio da experiência e da problematização de seus conceitos fundantes.

Minha formação inicial produziu significado e me tocou, me serviu de experiência construtiva para uma ideia de aprendizagem significativa, me levando a questionar:

- Qual é o nosso papel enquanto professor na relação ensino aprendizagem?
- Qual a relevância da autonomia do aluno no processo pedagógico?
- Qual o papel do diálogo entre educador e educando acerca do que se vai ensinar e aprender, dentro e fora da sala de aula?

Muitos equívocos são cometidos decorrentes de aspectos formativos que colocam o professor num patamar superior ao aluno. É preciso reconhecer que a educação, como um processo contínuo de transformação, deve abordar tanto o professor quanto o aluno como construtores de conhecimentos, numa perspectiva dialógica. Que toda essa bagagem ou experiência reflexiva

adquirida por meio de ações culturais e educativa nos sirva dentro da Universidade para ampliar nossa percepção de mundo e inclusão de novos saberes.

Isso acontece com todos os alunos que ingressam na universidade que traz consigo uma bagagem repleta de experiências sejam elas teatrais vividas nos diversos espaços de nossa formação escolar e cultural. Araújo (2005), em sua tese aponta caminhos acerca formação de professores na Licenciatura e sugere a organização de semestres letivos em forma de um diálogo pedagógico, no qual o 1º. Semestre deveria focar-se em um Estudo da Realidade, de modo a oportunizar os discentes a retomarem e problematizarem o repertório de práticas e concepções que trazem acerca do Teatro e outras formas espetaculares:

Discussão de diferentes concepções de teatro, enquanto práticas artísticas culturais, contextualizadas em relação a outras formas espetaculares, reconhecendo as especificidades do teatro enquanto área do conhecimento por meio de problematizações de aspectos éticos, estéticos, metodológicos e educacionais. (ARAÚJO, 2005, p.15)

Nesse momento do diálogo pedagógico, se faz necessário discutir sobre os tipos de teatro que os discentes praticaram e praticam e que novas experiências teatrais gostariam de realizar. Assim, podemos refletir e aprender com nossas praticas artísticas, bem como, contextualizá-las, associando-as com outras e construindo conhecimento sobre esses processos, agora abordados a luz das discussões inerentes a uma Licenciatura em Teatro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo ser humano, pelo o simples de se relacionar com outras pessoas pode proporcionar experiência e conseqüentemente adquirir e construir conhecimentos, então, o relato dessas minhas experiências me fez refletir acerca da ideia de pensar uma prática educacional a partir das minhas próprias vivências.

A realidade da minha educação fundamental me possibilitou, enquanto aluno refletir o tipo de professor de artes que não gostaria de ser, ou seja, sem nenhuma dessas experiências, desde minha entrada na escola regular, da vivencia em casa, e as ações culturais que desenvolvi para a construção de uma bagagem reflexiva, eu não teria um argumento se quer para falar sobre a educação.

Podemos ainda acrescentar que a ação cultural também ensina através da interação entre as pessoas e as expressões artísticas, com vários conceitos, conhecimentos, técnicas e culturas

distintas que muitas vezes por ser costume, acabamos por deixar passar por despercebido, e concluímos que o ensino por completo não está centrado apenas dentro da escola, mas em todos os espaços que tenha interação e sociabilização.

É importante ressaltar a importância de se trabalhar no curso de teatro metodologias em que o aluno possa mergulhar na sua própria bagagem valorizando sua cultura, sua origem e ampliando seu conhecimento através de associações, possibilitando uma maior visão sobre sua história.

Evidencio ainda, nesse sentido um termo bastante recorrente na construção desse trabalho é “transformar”, que entendo como (re) criar, tentar construir algo já existente sob uma nova perspectiva de transformação das realidades, configurado essa transformação a educação como objeto de proporcionar novos conhecimentos por meio do processo de ensino-aprendizagem, podendo experimentar novos aspectos.

Além disso, repensar essas práticas e vivências, esta experiência permitiu-me pensar também no sentido de prezar por um ensino que coloca professor e aluno como construtores do conhecimento, num patamar de igualdade no diálogo, porém respeitando as diferenças, sem que ninguém se sinta superior a ninguém, em uma abordagem de ensino que possa valorizar o seu potencial transformador acerca da realidade vivenciada pelos alunos.

Ficando entendido que o teatro pode ser considerado um ato de construção de conhecimento que tem como base artifícios que possibilitem romper e ampliar concepções iniciais, de tal forma que os objetivos se articulem ao contexto em que se dá à prática educativa nesse momento de troca. Entendendo que “saber que palavras são apenas palavras e que espetáculos são apenas espetáculos talvez nos ajude a entender melhor como palavras, histórias e espetáculos podem nos ajudar a mudar alguma coisa no mundo em que vivemos” (RANCIÈRE, 2010, p.122).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Sávio de Oliveira. **A Cena Ensina**: uma proposta pedagógica para formação de professores de teatro. Tese [Doutorado em Educação] – Programa de Pós -graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

COELHO, Teixeira. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

(83) 3322.3222

contato@conidis.com.br

www.conidis.com.br

PERNAMBUCO, Marta Maria. **Práticas Coletivas na escola**. Campinas: Mercado das Letras, Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. Uma aventura intelectual. In: RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 17-38.

SHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Ildisnei Medeiros da. **Ensino de Teatro na perspectiva do Diálogo Freireano: uma experiência junto ao PIBID-Teatro/UFRN**. Dissertação [Mestrado em Artes Cênicas] – Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.